



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LOGOTERAPIA E SAÚDE DA
FAMÍLIA**

LUIZA ALMEIDA FREIRE

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O SENTIDO DA VIDA DE CRIANÇAS EM
SITUAÇÃO DE ABRIGO: UM ENFOQUE LOGOTERÁPICO**

**CAMPINA GRANDE
2021**

LUIZA ALMEIDA FREIRE

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O SENTIDO DA VIDA DE CRIANÇAS EM
SITUAÇÃO DE ABRIGO: UM ENFOQUE LOGOTERÁPICO**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica
Linha de Pesquisa: Promoção da saúde e qualidade de vida

Orientador: Prof. Dra. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866c Freire, Luiza Almeida.
Considerações sobre o sentido da vida de crianças em situação de abrigo [manuscrito] : um enfoque logoterápico / Luiza Almeida Freire. - 2021.
29 p. : il. colorido.

Digitado.
Monografia (Especialização em Logoterapia e Saúde da Família) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão, UFCG - Universidade Federal de Campina Grande."

1. Abrigamento. 2. Narrativas Infantis. 3. Logoterapia. 4. Saúde da família. I. Título

21. ed. CDD 616.891 6

LUIZA ALMEIDA FREIRE

CONSIDERAÇÕES SOBRE O SENTIDO DA VIDA DE CRIANÇAS EM
SITUAÇÃO DE ABRIGO: UM ENFOQUE LOGOTERÁPICO

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica
Linha de Pesquisa: Promoção da saúde e qualidade de vida

Aprovada em: 26/02/2021

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
UFCG



Profa. Me. Lorena Bandeira Melo de Sá
UNINASSAU



Prof. Dr. José Arturo Luna Vargas
Universidade Nacional de Bogotá

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”. Hannah Arendt

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	SOCIALIZAÇÃO NA INFÂNCIA: CONDIÇÃO SOCIAL, ABRIGAMENTO E A PSICOLOGIA DO SENTIDO	8
2.1	Condição Social	10
2.2	Abrigamento e adoção	11
2.3	Psicologia do sentido	12
3	NARRATIVAS, IMAGENS E A ESPERANÇA DE UM FINAL FELIZ.....	15
4	O ENCONTRO DA ESPERANÇA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS.....	16
4.1	A construção do livro: “A aventura dos amigos da Esperança”.....	20
5	CONCLUSÃO	21
	REFERÊNCIAS	21
	ANEXO A – FOTOGRAFIAS ACERVO PESSOAL	24
	ANEXO B – LIVRO: A AVENTURA DOS AMIGOS DA ESPERANÇA...	26

CONSIDERAÇÕES SOBRE O SENTIDO DA VIDA DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ABRIGO: UM ENFOQUE LOGOTERÁPICO

CONSIDERATIONS ABOUT THE MEANING OF THE LIFE OF CHILDREN IN SHELTER SITUATION: A LOGOTHERAPIC APPROACH

Luiza Almeida Freire¹

RESUMO

Esse trabalho expõe um relato de experiência vivenciado durante um projeto de extensão ofertado pelo curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, cuja temática refere-se à Infância e Adolescência. O intuito do projeto foi privilegiar instituições que não ofereciam apoio psicológico em seu dia a dia, por isso sua atuação foi em abrigos de crianças e adolescentes. Com esse estudo objetiva-se apresentar o desenvolvimento dos vínculos sociais nas crianças institucionalizadas e a importância do encontro com o sentido da vida de crianças em situação de abrigo. A partir da construção de um livro, buscou-se demonstrar como os participantes criaram seus personagens, a narrativa e a identificação tanto com a história contada, quanto a história que foi produzida. Nesse processo, foi possível relacionar a importância da Literatura Infantil ao desenvolvimento psicossocial e espiritual dos abrigados. Além de refletir acerca da desigualdade social e sua interferência na vida familiar das classes que estão à margem da sociedade. Como fundamento teórico, o Estatuto da Criança e do Adolescente delineou os principais caminhos a serem percorridos para auxiliar a criança em situação de risco (mais especificamente, a institucionalizada), mostrando como os laços afetivos dentro e fora dos abrigos têm interferido no processo emocional dessas crianças que anseiam voltar para suas casas ou encontrar outra família. Os resultados das vivências do projeto apresentam como as crianças descobriram os valores dos quais a Logoterapia destaca como essencial para encontrar o sentido da vida, ou sentido de determinada situação. Por fim, destaca-se a importância das políticas públicas estarem comprometidas com os direitos das pessoas em situação de abrigo, como também das intervenções psicológicas para a saúde mental de crianças em situação de vulnerabilidade.

Palavras-Chave: Abrigamento. Narrativas Infantis. Logoterapia e Saúde da Família.

ABSTRACT

This work exposes an account of experience lived during an extension project offered by the Psychology course at the State University of Paraíba, whose theme

¹ Graduada em Pedagogia (UFCG). Graduanda em Psicologia (UEPB). Aluna do Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário – CEPESI e da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: luiza.freire@aluno.uepb.edu.br

refers to Childhood and Adolescence. The purpose of the project was to privilege institutions that did not offer psychological support in their daily lives, so their work was in shelters for children and adolescents. This study aims to present the development of social bonds in institutionalized children and the importance of meeting the meaning of the lives of children in a sheltered situation. From the construction of a book, we sought to demonstrate how the participants created their characters, the narrative and the identification both with the story told, as well as the story that was produced. In this process, it was possible to relate the importance of Children's Literature to the psychosocial and spiritual development of shelters. In addition to reflecting on social inequality and its interference in the family life of classes that are on the margins of society. As a theoretical foundation, the Statute of Children and Adolescents outlined the main paths to be taken to assist children at risk (more specifically, institutionalized ones), showing how affective bonds inside and outside the shelters have interfered in their emotional process. children who yearn to return home or find another family. The results of the project's experiences show how children discovered the values that Logotherapy highlights as essential to find the meaning of life, or the meaning of a particular situation. Finally, it highlights the importance of public policies being committed to the rights of people in a situation of shelter, as well as psychological interventions for the mental health of children in vulnerable situations.

Key words: Housing. Children's Narratives. Logotherapy and Family Health.

1 INTRODUÇÃO

A questão da institucionalização da criança é um problema social. A quantidade de meninos e meninas que estão em situação de risco social - negligência, abandono, violência por parte dos seus responsáveis - e a forma como chegam até o abrigo, tem causado danos psicoemocionais nesses indivíduos. Diante disso, torna-se importante tecer considerações sobre crianças abrigadas, verificando o drama dos seus anseios pela adoção ou mesmo por sua reintegração na família de origem.

Esse estudo trata-se de um relato de experiência referente a um projeto de extensão desenvolvido em 2011 e 2012, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Durante a execução do projeto as discentes realizaram um trabalho na área de Psicologia junto a dois abrigos para crianças e adolescentes (um feminino e outro masculino). Cabe considerar que havia uma demanda psicológica grande nesses âmbitos, tendo em vista o estado emocional que os abrigados estavam passando. Nesse sentido, foram trabalhadas narrativas infantis e, conseqüentemente, no final do estágio foi construído, junto aos participantes, um livro, no qual eles foram autores e ilustradores da história.

Ao fundamentar a relevância desse trabalho, realizou-se um estudo acerca da questão social do Brasil – sua desigualdade, como acontece o desenvolvimento social e a construção de vínculos afetivos da criança desde seu nascimento – assim como uma pesquisa sobre o abrigo, adoção tardia e a preferência dos adotantes quando decidem adotar. Essas questões implicam,

indiscutivelmente, na construção da identidade da criança e de sua relação com o outro (OLIVEIRA & PRÓCHNO, 2010). É desse modo, que esses fatores impactam negativamente no bem estar dos pequenos, ainda mais quando não há, por menor que seja, uma intervenção psicológica e cuidadosa.

Tendo em vista a dimensão noética do sujeito, segundo a Logoterapia, coube também relacionar os efeitos desse sofrimento na vida das crianças. O que se percebeu ao analisar o desenvolvimento do projeto foi diferentes aspectos relacionados aos conceitos logoterápicos - valores, autotranscendência, autodistanciamento, busca de sentido, vazio existencial, sentido do amor, entre outros. A “Esperança” sendo o nome do abrigo carrega o sentido da palavra e da razão social da Instituição que era abrigar, cuidar e proporcionar o encontro com o sentido de cada momento. Eis a responsabilidade que os adultos envolvidos tinham em motivar essas crianças para um futuro, afinal, “o homem só pode sobreviver, quando dá uma orientação a sua vida” (FRANKL, 1988 apud AQUINO, 2011).

Estudos e introduções acerca da Literatura Infantil e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, também foi necessário para que houvesse entendimento com os demais temas - humilhação social, desafios da vida, desenvolvimento infantil, Logoterapia e com o próprio objetivo do projeto que era a construção do livro. As narrativas infantis além de proporcionar alegria às crianças, incentivaram a imaginação e a compreensão delas mesmas, principalmente no momento em que se identificavam com os personagens e as situações das histórias (AGUIAR, 2004). Dessa maneira, essa intervenção forneceu não só um apoio psicológico aos abrigados, como também um trabalho pedagógico, pois os mesmos aprenderam sobre a composição de um livro (autor, ilustrador, ano que foi escrito etc) e, concomitantemente, desenvolveram a capacidade de perceber os sentimentos e pensar sobre eles.

Diante da experiência desse projeto foi possível observar a necessidade de uma cidadania mais ativa em relação a tal problemática, pois falta mais efetividade e empenho na elaboração de políticas públicas que ajudem as crianças institucionalizadas, principalmente aquelas que não estão na lista de preferência dos adotantes por já serem adolescentes. Ressalta-se que existem muitas crianças e adolescentes que não estão na fila de adoção, mas que aguardam seus pais melhorarem (de um vício, por exemplo) para poder recebê-los de volta. Sendo assim, projetos que auxiliem nesse processo de intervenção, podem proporcionar apoio psicológico, na intenção de resgatar a vontade de sentido.

Por conseguinte, dar-se-á a discussão sobre as condições sociais cujas crianças em situação de risco estão inseridas; seu processo de vínculo social e a institucionalização das mesmas. Em seguida, apresentar-se-á a Psicologia do Sentido - a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl - seus principais conceitos e relações importantes com o tema central desse estudo. As narrativas infantis e a utilização de imagens pela Literatura Infantil estão descritas na sequência, pois além de ter sido uma metodologia utilizada para as oficinas infantis, relacionaram-se com os conceitos do referencial teórico analisado. Por fim, será discorrido sobre o relato do projeto de extensão desenvolvido.

2 SOCIALIZAÇÃO NA INFÂNCIA: CONDIÇÃO SOCIAL, ABRIGAMENTO E A PSICOLOGIA DO SENTIDO

Muito se discute sobre a importância do desenvolvimento social e da personalidade da criança. Sabe-se que a criança ao nascer é um ser totalmente indefeso e dependente dos cuidados do grupo social que convive. Esse cenário faz parte de um dos fatores, que propiciam à criança seu processo de socialização, denominado de dependência. O bebê necessita de cuidados básicos - proteção dos perigos reais e imaginários contra a vida e a saúde; alimentação, limpeza, temperatura adequada; possibilidade de estabelecer vínculos afetivos estreitos com alguns adultos; exploração do meio físico e social; atividades lúdicas com objetos e pessoas - e essas necessidades básicas são determinantes para que desde os primeiros anos de vida, o indivíduo se sinta motivado (biológica e socialmente) para reunir-se ao grupo social (López, apud COLL; PALACIOS & MARCHESI, 1995). Além disso, existe a grande capacidade de aprendizagem por parte da criança, bem como a atração pelos estímulos de origem social.

Segundo Félix López, a socialização deve-se justamente à assimilação das características culturais das quais a criança esteja inserida. É, pois, nesse contexto, que se aprendem valores, normas, costumes, ensino da linguagem, habilidades, atribuições de papéis. Os agentes sociais (mãe, pai, avós, irmãos, educadores), bem como algumas instituições (família, escola, abrigos), meios de comunicação (internet, redes sociais, televisão) e, ainda outros instrumentos (brinquedos, livros, jogos) são encarregados de propiciar esse bem estar e sanar as necessidades dos menores. Há, no entanto, de se considerar diferentes fatores contextuais de cada criança, tais como: classe social, sexo, cidade, aptidões físicas e psicológicas. A socialização dependerá, assim, da interação que existe entre a criança e o meio (agentes sociais envolvidos).

Perceber o processo de socialização nas crianças e, mais especificamente, entender como todo esse processo interfere no desenvolvimento da personalidade, torna-se crucial para levar em consideração às crianças em situação de abrigo. Essas que, de alguma forma, infelizmente, não puderam contar com todo aparato de cuidados básicos. Crianças que o meio social não as permitiu crescer considerando suas dimensões físicas (biológicas), psicológicas (emoções, motivações, afetos, pensamentos, cognição) e espirituais (liberdade, responsabilidade, consciência, valores, transcendência) (SÁNCHEZ, 2019). Dimensões essas que são trabalhadas pela Logoterapia e Análise Existencial de Viktor E. Frankl².

De acordo com os estudos de Félix López, acerca do desenvolvimento psicológico e social da criança, consideram-se os seguintes processos de socialização: *processos mentais* - aquisição dos mais diversos tipos de conhecimento e, é nesse aspecto, que facilita o entendimento acerca da sociedade, comunicando-se com seus membros e, ainda, comportando-se de acordo com os valores, costumes e normas aprendidos; *vínculos afetivos* - uma

² Para Frankl, não é possível fragmentar o indivíduo em uma só dimensão, seja esta somente biológica, psicológica e espiritual. É preciso olhar o ser em toda sua integralidade, pois se assim não fizer, perderemos o ponto de vista da sua completude, como também da sua dignidade (SÁNCHEZ, 2019).

vez sendo bem estabelecidos, são uma das bases mais significantes para o desenvolvimento infantil (os pais, irmãos, amigos etc), pois une a criança aos demais e sua manutenção se transforma “em um dos motivos fundamentais da conduta pró-social³” (LÓPEZ, apud COLL; PALACIOS & MARCHESI,1995); e *aquisição de condutas* - socialmente desejáveis por evitar comportamentos julgados como anti-sociais. Para tanto, a criança deve saber diferenciar o que é adequado ou não, de maneira que controle sua conduta e se sinta motivada para agir adequadamente. Nesse sentido, pode surgir o medo do castigo, a interiorização das normas, medo de perder o amor ou favores que recebe dos outros. Em suma:

Se a criança vincula-se afetivamente a determinados adultos, se adquire o conhecimento do que a sociedade é e o que esta espera dela, e se tem um comportamento adequado a estas expectativas, estará bem socializada. Este processo inicia-se com o nascimento e, embora sujeito a mudanças, permanece *ao longo de todo o ciclo vital*. Cada período da vida exige aquisições sociais diferentes, segundo a idade e as funções que a pessoa tenha que desempenhar. Durante os primeiros anos de vida são especialmente importantes alguns processos afetivos (o apego), o início de determinados processos mentais (conhecimento social das pessoas e de si mesmo, aquisição da linguagem etc) e hábitos sociais (certo grau de controle de si mesmo, expressões de afeto aos familiares etc) (COLL; PALACIOS & MARCHESI,1995, p. 84).

O vínculo emocional tão necessário na primeira infância - o apego - que a criança estabelece com uma ou mais pessoas em seu meio familiar está diretamente relacionado ao favorecimento da sobrevivência. O vínculo afetivo desempenha segurança emocional, uma vez que oferece proteção e cuidados durante a infância. Nesse sentido, a falta ou mesmo a perda dessas figuras de apego é percebida como ameaçadora (perda irreparável), havendo assim, desamparo e desproteção, fato que desencadeia uma situação de risco (física e psicológica).

Segundo os autores Ortiz, Fuentes e López (apud COOL; MARCHESI & PALÁCIOS, 2008,p.104) para cumprir as funções de sobrevivência e segurança emocional, o vínculo de apego teria quatro manifestações: buscar e manter a proximidade; resistir a separação e protestar se esta se consuma; usar a figura de apego como base de segurança a partir da qual se explora o mundo físico e social e, sentir-se seguro buscando na figura de apego o bem estar e o apoio emocional (Feeney e Noller, 1996 apud COOL; MARCHESI & PALÁCIOS, 2008). Em vista disso, percebe-se a tamanha importância dos vínculos emocionais para o desenvolvimento do indivíduo e a influência desses nas manifestações de temperamento "difícil" no decorrer de seu crescimento. Ademais, considera-se que:

Trabalhos recentes sobre o padrão de apego desorganizado na infância sugerem que esse é um padrão frequente em crianças que foram vítimas de episódios de negligência e maus tratos físicos. Nessa situação, a criança experimenta ciclos de proteção e ao mesmo tempo de rejeição e

³ A empatia, o apego e a amizade representam não só uma forma de união ao grupo, como também mediam todo o desenvolvimento social.

agressão, sente-se vinculada à sua figura de apego e ao mesmo tempo a teme, o que explica a combinação de aproximação/evitação. Esse tipo de apego foi encontrado também em crianças cujas figuras de apego não resolveram o luto pela morte de um ente querido e expressam um grau de ansiedade que gera temor na criança. Em ambas as condições, a base de segurança também é uma fonte de alarme e de inquietação, gerando aproximações à figura de apego interrompidas por condutas desorganizadas (COOL; MARCHESI & PALÁCIOS, 2008, p. 111).

É por isso que não podemos deixar de avaliar a influência dessa relação: criança e suas figuras de apego. Pois, o infante de temperamento “complicado” está mais suscetível em experimentar ansiedade⁴ ao vivenciar uma situação estranha, além de se tornar uma criança mais difícil de consolar.

2.1 Condição Social

No tocante ao contexto e a classe social que a criança e suas figuras de apego pertencem, a associação entre a sensibilidade materna e o tipo de apego da criança é menor nas amostras de classes sociais desfavorecidas. Supõe-se, especificamente, que o acúmulo de estresse (fruto das condições de pobreza) gera dificuldades na hora de manter a sensibilidade e a interação positiva, principalmente quando a criança é irritadiça. Eis a importância da atuação do psicólogo social e Logoterapeuta em meio à desigualdade social e exclusão. Pois há, nesse contexto, o que Sawaia (com base em Espinosa e Vygotsky) chamou de sofrimento ético-político:

O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e expressar desejo e afeto (SAWAIA, 2004 apud BOCK, 2008, p.189)

Diante de todo sofrimento gerado pela condição social das quais essas figuras afetivas vivem, os psicólogos devem potencializar os indivíduos de maneira que escrevam sua história social. Assim, a humilhação social deve ser considerada como uma modalidade de angústia disparada pelo enigma da desigualdade de classes, tratando-se, pois, de um fenômeno psicológico e político. Segundo Gonçalves Filho (1998) “o humilhado atravessa uma situação

⁴ No entanto, segundo os estudos, a maioria das crianças de “risco” por um temperamento difícil estabelece vínculos seguros se a figura de apego é paciente e se adapta às características do bebê (Belsky, Rovine e Taylor, 1984; Liberman, Weston e Pawl, 1991 apud COOL; MARCHESI & PALÁCIOS, 2008, p. 112).

de impedimento para sua humanidade, uma situação reconhecível nele mesmo - em seu corpo e gestos, em sua imaginação e em sua voz - e também reconhecível em seu mundo - em seu trabalho e em seu bairro”.

2.2 Abrigamento e adoção

Tal como o efeito dominó, a desigualdade social e essa desestabilização afetiva (devido aos conflitos, abusos, drogas), conseqüentemente, leva a criança a uma situação de risco e, quando não há outra saída, à institucionalização. Como, então, garantir que essa mesma criança possa vivenciar um desenvolvimento adequado de maneira que a transição de vínculos afetivos seja equilibrada, sem que haja rupturas precipitadas e que haja certa elaboração psíquica? A consequência dessa ruptura precária de vínculos segundo Ballone (2003):

uma das sequelas da criança de orfanato diz respeito à graduação ou nível em que ela estabelece vínculos com outras pessoas. Alguns, por padrão de vínculo inseguro, costumam ser exageradamente amigáveis com todos que se aproximam, como se tentassem atrair a companhia de alguém que lhes desse mais segurança; outros, ao contrário, parecem evitar qualquer aproximação mais calorosa, como se tivessem medo da decepção. Essas crianças parecem que sentem a falta de pessoas particularmente sintonizadas com ela... (OLIVEIRA & PRÓCHNO, 2010, p.67)

A institucionalização se tornou uma alternativa mais apropriada para acolher crianças que enfrentam conflitos na família de origem (maus tratos, abusos, abandono, dentre outros) não havendo condições de permanecer em casa, tendo em vista a violação dos direitos da criança. Sabe-se que “é direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral” (ECA, 1990, art. 19). Logo, a adoção surge como um ato de inclusão da criança ou adolescente em uma nova família, de forma definitiva e com vínculo jurídico com caráter de filiação. No entanto, para que isso ocorra, faz-se necessário que seja decretada a perda do poder familiar.

Segundo a Cartilha de Adoção do Brasil, o abrigo é uma modalidade de acolhimento institucional para crianças e adolescentes que não podem ficar com seus pais, provisória ou definitivamente. O abrigamento deve ser, pois, uma medida excepcional, utilizada quando esgotados todos os esforços para manter a criança/adolescente na família e na comunidade. Sendo assim, o acolhimento temporário nesse âmbito é indicado até que os familiares possam recuperar sua capacidade de acolher a criança ou quando esse encaminhamento se mostrar inviável até que a criança possa ser colocada em uma família substituta.

A adoção deve ter como principal objetivo a proteção da criança, no entanto, o que se tem constatado, na maioria das vezes, é que a criança adotada tem sido solução para a necessidade dos pais de formarem uma família, ou seja, pais que buscam solução para a infertilidade. De acordo com Weber (apud EBRAHIM, 2001, p.74), os adotantes carregam o mito de optarem por crianças mais novas, ainda bebês, bem como com características físicas semelhantes às suas. Eis, mais uma vez, a humilhação social - crianças negras, maiores de dois

anos, deficientes, com histórico de abandono e/ou sofrimento psíquico/social/emocional - vivida por um indefeso, a espera (ESPERANÇA) por uma adoção, ainda que tardia.

Segundo os estudos realizados por Ebrahim (2001) e confirmado pelos dados do Conselho Nacional de Justiça (2019), a quantidade de crianças maiores continua sem a perspectiva de serem adotadas (vivendo sem família), enquanto que os cadastros de candidatos à adoção pleiteiam bebês. O perfil para que a criança seja adotada fica ainda mais exigente pelos interessados: “11,55% só adotam crianças brancas; 58% aceitam apenas crianças de até quatro anos de idade; 61,92% não aceitam adotar irmãos; e 61% só aceitam crianças sem nenhuma doença... e apenas 4,52% aceitam adotar crianças maiores de oito anos”. (CNJ/ 2019). O que se vê, pois, são pessoas que querem adotar um perfil diferente das crianças que estão abrigadas. Sabe-se que do total de 9,5 mil crianças e adolescentes cadastrados no CNJ (de um todo de 47 mil em situação de acolhimento no Brasil) 49,79% são pardos, contra 16,68% brancos. Desse total, 55,27% possuem irmãos e 25,68% têm algum problema de saúde, já 53,53% têm entre 10 e 17 anos de idade.

O receio maior dos adotantes, segundo Ebrahim (2001), está relacionado com a dificuldade da educação, além de temerem que com a adoção tardia as crianças antes institucionalizadas levem para casa maus hábitos. Adotam-se bebês, então, na ideia de que obterão uma melhor adaptação, uma adequada socialização e, com isso, as crianças seriam capazes de atender aos anseios da família (WEBER, 1996, apud EBRAHIM, 2001, p. 74).

2.3 Psicologia do Sentido

A Logoterapia - considerada a Terceira Escola de Psicoterapia de Viena e criada por Viktor E. Frankl⁵ - pode ser definida como a psicoterapia do sentido da vida. Sendo assim, resta a cada ser humano encontrar um significado para a sua vida, a partir de sua consciência e liberdade para direcionar seus passos. É uma psicoterapia existencial em que busca compreender, junto ao homem, o conflito que emana do enfrentamento da pessoa humana e as preocupações inevitáveis da própria existência.

Desse modo, é possível identificar quatro principais preocupações que podem levar o indivíduo se deparar com a fragilidade e com conflitos existenciais: *liberdade* - de consciência e de poder tomar qualquer atitude diante às dificuldades -; *morte* - ou se busca adiar a morte para ampliar a sua história ou encurtar a vida para finalizar a dor - ; *isolamento existencial* - mundo das relações interpessoais, busca de contato e de compreensão, luta por conseguir a integração e proteção com o grupo - e a *falta de um sentido para a vida* - grande vazio existencial na falta de direcionamento no mundo (GOMES, 1992).

A Logoterapia pode ser definida ainda como uma psicoterapia do espiritual, isso porque Frankl considerou que o homem possui, além da dimensão biológica e psíquica, a dimensão noética (especificamente humana/antropológica). O indivíduo, assim, não deve ser visto apenas como um

⁵ Psiquiatra vienense que sobreviveu a quatro campos de concentração nazista. Prisioneiro e em meio a todo sofrimento, encontrou o sentido de sua vida, naquele momento, ajudando aos colegas, bem como refletindo sobre a morte, a liberdade e a atitude diante toda dor.

ser que se reduz aos processos psicológicos, sociológicos ou somáticos. Para Elizabeth Lukas (1989), na dimensão espiritual:

localiza-se a tomada de decisão, livre, em face das condições corporais e de existência psíquica ... Acham-se aí as decisões pessoais da vontade, intencionalidade, interesse prático e artístico, pensamento criativo, religiosidade, senso ético (consciência moral) e compreensão do valor (LUKAS, 1989, p. 28,29).

As dimensões bio-psico-espiritual são, portanto, projeções parciais de um todo. E, por isso, a Logoterapia se distancia de racionalismos e não pode ser considerada uma psicologia somente espiritualista (XAUSA, 2013). Ou seja, o espírito não se opõe às demais dimensões, consiste sim numa possibilidade, não em uma necessidade (SANTOS, 2016, apud FRANKL, 2012, p.61). Segundo Elizabeth Lukas (1986, p. 224) "... as leis próprias da vinculação somática e dinâmica das tensões conflituais psíquicas podem encontrar, à luz de uma perspectiva espiritual, uma nova significação importante para cada indivíduo⁶ e, assim sendo, o indivíduo inevitavelmente ao passar pela tríade trágica - morte, sofrimento e culpa - terá seu espírito desafiado e direcionado à consciência. Essa, por sua vez, "atua como uma espécie de 'farol' ou 'bússola' do sentido, e pode direcionar as águas do rio ao encontro do sentido, cabendo à pessoa decidir por ele, em detrimento das tantas opções com menos carga de sentido ou deles desprovidas" (SANTOS, 2016, p. 42).

Frankl, ao relacionar o espiritual e a questão da hereditariedade dessas dimensões, dispõe que:

O espiritual, todavia, é intransmissível. O psíquico, além de herdado através da disposição genética, é ainda plasmado pela educação. Chegamos à seguinte formulação: o físico é dado pela hereditariedade, o psíquico é dirigido pela educação; o espiritual, contudo, não pode ser educado, tem que ser realizado - o espiritual é só na auto realização, na realidade da realização da existência (FRANKL, 1978, p.131).

Ao refletir sobre o desenvolvimento infantil, é possível compreender que segundo o espiritual e o conceito da existência humana, a criança, dada as suas vivências com os adultos, terá facilidade de ouvir ou não a voz de sua consciência (o órgão de sentido). Para alguns, a criança é incapaz de encontrar um sentido, isso porque a estruturação de sua personalidade a impede de esclarecer acerca de sua liberdade e responsabilidade (SÁNCHEZ, 2014). Todavia, na prática, logoterapeutas que atendem o público infantil têm observado diferente:

Lo que nos hace aún más humanos es la conciencia de la conciencia, algo así como "metaconciencia", una conciencia necesaria para la existencia de la conciencia. Por esta razón en la constitución del ser persona, el niño poco a poco va siendo consciente que tiene conciencia

⁶ Isso porque a dimensão noética (o *noos*/ espírito) não adoece. Consiste, pois, na parte sã do sujeito.

en la medida de su desarrollo psico-físico. En su desarrollo evolutivo va surgiendo la conciencia de sí o lo que Frankl llama la autonoconciencia reflexiva, el darse cuenta de la potencialidad que se tiene, es decir de la espiritualidad. Aquí el terapeuta acompaña este proceso, le evidencia al niño esa posibilidad, atrae la autoconciencia que le posibilitará una posición responsable ante la situación que padece (SÁNCHEZ, 2014,p. 25,26).

Segundo Clara Martinez (2012) é através do diálogo socrático adaptado às crianças que todo esse trabalho se desenvolve e elas conseguem chegar à consciência de si. O “jogo socrático” no qual o próprio logoterapeuta participa, poderia ser estendido para outras atividades que instigasse a fala, a criatividade, a fantasia e o pensamento da criança, tais como: a contação de histórias, a própria construção de narrativas, desenhos dos personagens, entre outros. Recursos que facilitará o autodistanciamento, bem como possibilitará a autotranscendência. O autoconhecer desempenha papel fundamental na elaboração da personalidade, uma vez que todas as dimensões (biológica, psicológica, ética, estética e existencial - liberdade, responsabilidade, poder de escolha) estão em evidência nesse apoio logoterapêutico.

Cabe, ainda, lembrar da relevância de um dos principais conceitos da Logoterapia: os valores. Quais sejam: *criativos* - quando se experimenta a capacidade de dar algo ao mundo; *vivenciais* - quando descobre que além de doar é capaz de receber e; *de atitude* - quando é forçado pelo destino a não desempenhar os valores citados anteriormente, restando-lhe assumir uma atitude frente à situação. Portanto, a consciência é que tem a capacidade de intuir o valor e de captar o significado da situação presente, na singularidade que lhe é própria. Os valores, portanto, são descobertos e devem ser vividos (XAUSA, 2013). Eis a importância dessa consciência pelos indivíduos, pois, uma vez que se aceite valores externos e reprima seus próprios valores, conflitos internos podem surgir, fato que pode causar traumas psicológicos e até enfermidades (FABRY,1990,p. 159).

Acolher a criança que esteja em situação de risco - especificamente, crianças em medida de proteção (institucionalizadas) por abandono, abuso sexual ou maltrato por parte dos pais ou responsáveis - se faz extremamente necessário. Suas vivências já marcadas por sofrimento, culpa e até mesmo morte, precisam ser amparadas por aqueles que estejam lidando com ela (coordenadores de abrigos, cuidadores, professores, assistente social, psicólogo e possíveis pais adotivos) ajudando-a no resgate da esperança.

Tendo em vista que é do imaginário que nasce a esperança⁷ (o poder de resistência do espírito - a resiliência), alcançando-lhe a dimensão espiritual, é que se nasce a vontade de sentido. Segundo Viktor Frankl (2018, p. 124), a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Somente esse sentido assumirá uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido

É importante que esse acolhimento para com os jovens institucionalizados, seja de forma que o amor em acolher preencha o vazio deixado. Frankl citado por Izar Xausa (2013) descreve que o sentido último do

⁷ A partir do contar de uma história com um final feliz, apesar das dificuldades vividas pelo personagem principal.

sofrimento só poderá ser dado sob o prisma da fé e do amor, não só no homem que sofre, mas também no homem que consola, no próximo que tem compaixão e compartilha do sofrimento do outro.

3 NARRATIVAS, IMAGENS E A ESPERANÇA DE UM FINAL FELIZ

A literatura infantil é um dos atrativos culturais voltados para crianças que permite não só o entretenimento, mas também o desenvolvimento da imaginação e de todo seu processo cognitivo. Segundo Meireles (1984, p. 20 apud AGUIAR, 2004, p. 16), o gosto e a preferência do leitor infantil por esta ou aquela obra serve para delimitar o conceito de literatura infantil e para afirmar a qualidade do texto. Há, sem dúvidas, uma preocupação com o uso de um léxico especial, em que se procura estar de acordo com as características psíquicas da criança e responder às suas exigências intelectuais e espirituais.

No entanto, não são todos os livros que chamam a atenção do leitor mirim, alguns exageram no grau de infantilidade, outros em tons moralizadores (o que é diferente de uma narrativa pedagogizante que ensina as crianças determinados assuntos, como o meio ambiente, por exemplo) e há o livro que desperta a leitura para novos horizontes do conhecimento, o que, de fato, amplia seu campo imaginativo (SOSA, 1978 apud AGUIAR, 2004).

O valor da literatura infantil e sua relevância para a criança é muito bem descrita por Bettelheim (1980, apud AGUIAR, 2004, p. 18) que sugere, a partir de um estudo sobre os contos de fadas, que a obra infantil é aquela que concomitante ao divertimento infantil, proporciona esclarecimentos sobre ela mesma, favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade. A narrativa voltada para o público infantil, assim:

Apresenta significados em vários níveis diferentes, enriquecendo a existência da criança. Através da leitura, ela vê representados no texto, simbolicamente, conflitos que enfrenta no dia a dia e encontra soluções porque a história traz um final feliz. Em outras palavras, o conto de fadas dá à infância a certeza de que os problemas existem, mas podem ser resolvidos (AGUIAR, 2004).

Há desse modo uma chance de identificação por parte do leitor (ou daquele que escuta a contação de história) com o texto e personagens narrados. Pensar sobre tais peculiaridades nos permite lembrar que são os próprios adultos quem escreve os textos consumidos pelas crianças e, assim sendo, o autor deve pensar como uma⁸. Segundo Aguiar (2004, p.21), as obras de Monteiro Lobato demonstraram que a Literatura Infantil assegura o status de produção artística quando vinculada à realidade do leitor. Isso, por sua vez, só é possível na medida em que o autor da obra entende que não basta apenas falar sobre a criança a partir da sua posição de adulto que já viveu essa fase da vida. Vai além: é preciso se colocar ao lado do leitor, ver o mundo através dos seus olhos, ajudando-o a ampliar esse olhar nas mais variadas direções.

Assim, além do caráter artístico, do lúdico e de sua linguagem especial, a literatura infantil também tem marcante a ilustração. Imagem que atrai a criança

⁸ A exemplo da personagem Emília (Sítio do Picapau amarelo) a partir de características infantis, tais como: a curiosidade, a criatividade, a teimosia, a imaginação.

e que colabora na construção de sentido no ato da leitura. A imagem é, pois, uma necessidade da fase cognitiva na qual o leitor se encontra.

Tendo em vista o constante processo de desenvolvimento do pequeno leitor, vale considerar os estudos de Vygotsky acerca do interacionismo social - relevância do ambiente que favoreça a interação com a família, amigos, professores, de forma que a criança tenha estímulos para desenvolver sua linguagem e alimentar seus pensamentos e sua imaginação - e também de Piaget sobre os mecanismos internos - há, na criança, um pensamento animista (em que tudo tem vida; alma) em que ela tenta descobrir o mundo, criando, para tanto, os porquês (AGUIAR, 2004).

4 O ENCONTRO DA ESPERANÇA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS

O relato de experiência em questão se deve a um projeto de Extensão⁹ desenvolvido na Universidade Estadual da Paraíba no período de um ano (entre 2011 e 2012). A professora¹⁰ responsável pela disciplina - EXTENSÃO II - contou com a participação de onze estudantes de graduação do curso de Psicologia. Teve como linha temática a área de Ciências da Saúde e linha de pesquisa Infância e Adolescência. Ao pensar nesse público surgiu o interesse em conhecer o funcionamento dos abrigos da cidade (tendo em vista a possível carga de sofrimento de vida que essas crianças poderiam ter) e, assim, conhecer a demanda da instituição e desempenhar uma intervenção.

Os abrigos visitados foram dois - um para meninos (Casa da Esperança I) e outro para meninas (Casa da Esperança II). Nessas visitas, foi possível fazer observações diretas, bem como entrevistas aos coordenadores. Em ambas, havia a disponibilidade de profissionais como Pedagogo, Assistente Social, Educador Físico e Educadores Sociais, no entanto, havia a lacuna do apoio Psicológico.

Nasceu, então, o projeto "*Despertando Esperanças: construindo narrativas com crianças e adolescentes em situação de abrigo*", o qual teve como objetivo geral a elaboração de um livro a partir das narrativas das crianças acerca de suas histórias de vida. Os objetivos específicos, foram: interagir com as crianças e adolescentes por meio de atividades (dinâmicas, contação de histórias, desenhos, recortes/colagens), de forma que lhes possibilitasse receber o apoio em suas relações familiares fragilizadas; colaborar para o processo de socialização e integração dos abrigados e, despertar a esperança, tal como a perspectiva de mudança através da construção do livro (autoria e ilustração deles).

O grupo de meninos e meninas que participaram do projeto tinham entre seis a treze anos de idade. Havia, inclusive, adolescentes entre quatorze e dezessete anos, mas não quiseram participar, tendo sua decisão respeitada. No total, foram quinze crianças (sendo nove meninos e seis meninas). Dessa forma, foi preciso dividir em grupos as extensionistas que trabalhariam no abrigo

⁹ Pró- Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários - PROEAC

¹⁰ Márcia Candelária da Rocha (UNINASSAU/Campina Grande-PB)
marciacandelaria12@hotmail.com

feminino e no abrigo masculino. Nesse relato, procurou-se se ater mais¹¹ na experiência vivida na Casa da Esperança I (abrigo dos meninos). A metodologia utilizada foi a mesma para ambas as instituições. Todavia, surgiram necessidades e demandas particulares e, por isso, foi preciso diferenciar o método de trabalho para cada uma.

Nos primeiros encontros aconteceu apresentação de cada extensionista e crianças, bem como do projeto em si. Para que fosse gerado nelas a curiosidade pela escrita, leitura, autor, ilustrador, entre outros aspectos relacionados à literatura, apresentou-se alguns livros, contou-se histórias (em que as crianças puderam projetar-se nos personagens e fazer esclarecimentos sobre si; autodistanciar), fez-se referência aos autores e ilustradores daquelas obras (apresentamos fotografia dos mesmos), inferiu-se acerca dos finais da história¹² (de forma que as fizessem refletir que os problemas existem, mas podem ser resolvidos). Ou seja, houve uma pequena pedagogização sobre narrativas, além de divertimento dos participantes (sentido do humor que flexibiliza a alma).

Um ponto relevante de se considerar foi que no abrigo das meninas, numa das visitas, percebeu-se que nos quartos que elas dormiam, as paredes estavam todas rabiscadas - eram frases literalmente de esperança (tal como: "*meninas, nunca desistam de sonhar*"). As crianças que eram adotadas (adoção tardia) ou reintegradas à família deixavam mensagens de apoio para as que ficavam. A partir disso, pensou-se em estimular a escrita dessas crianças, de maneira que elas pudessem escrever sobre seus sentimentos e vivências. Para isso, foi distribuído para cada uma (nos dois abrigos) pequenos cadernos em que as capas foram customizadas pelas crianças com ajuda das extensionistas - por meio de adesivos, diversas figuras e colagens.

No abrigo dos meninos, no entanto, a ideia do caderno não foi bem aceita. Apesar de ficarem felizes no dia que receberam (além do caderno ganharam lápis, borracha e lapiseira). Novos meninos tinham chegado ao abrigo e não havia material suficiente para todos, o que foi motivo para desentendimento entre eles (J.V de sete anos foi um desses que não gostaram da ideia de compartilhar o material). Logo, foi preciso que as lapiseiras fossem recolhidas para que se evitassem mais brigas. Além desse episódio, num encontro seguinte, os meninos contaram que um dos colegas (J.V) havia destruído todos os cadernos - o sentimento de raiva ou revolta fora percebido naquela criança, pois mais uma vez estava presente nas "confusões" daqueles encontros. Outro fato importante observado foi que os meninos mais velhos (entre quatorze a dezessete anos) criticaram a participação dos menores nas oficinas (consideravam que aquelas atividades eram para meninas).

No total, foram onze encontros (realizados quinzenalmente) em que se desenvolveram diferentes oficinas psicopedagógicas para discutir questões como amizade, alegria, tristeza, esperança, respeito, projetos de vida, raiva, amor, ódio, confiança, recomeço, expectativa do futuro, sonhos e coletividade. As oficinas - dinâmicas de grupo, leitura narrada dos livros, desenhos - possibilitaram o

¹¹ Tendo em vista a participação no grupo das extensionistas do abrigo masculino - Extensionista Luiza Almeida Freire. E, sendo assim, possuindo maior propriedade para falar dos encontros nessa instituição.

¹² É preciso que o adulto leia com a criança, reflita com ela, ajudando-a a ver o mundo através de seu conhecimento, ampliando seu olhar. A criança pode, pois, autotranscender com o auxílio.

estímulo da imaginação das crianças (através das perguntas elaboradas pelas extensionistas¹³) e usufruindo do pensamento animista próprio da criança, além de fazê-las opinar (desenvolvendo o senso crítico) sobre as questões levantadas por cada atividade. Dessa forma esses encontros subsidiaram a realização da atividade principal, a construção da narrativa para o livro.

Cabe lembrar, sobretudo, que os meninos e meninas lá institucionalizados, passaram por situações das mais diversas possíveis, casos de abuso sexual, maus tratos, negligência, abandono. Seus pais ou responsáveis os colocaram numa situação de risco, seja por conta do uso de drogas, seja pela prostituição ou violência. Presenciou-se inclusive, um dos abrigados (de aproximadamente oito anos) nos sinais da cidade pedindo dinheiro. Fato comunicado à coordenação da Instituição, mas a criança já havia sido “acolhida” de volta por sua família.

Os personagens principais de cada abrigo são os pais (ou responsáveis), àqueles que deveriam confortar, proteger, amar e educar - como verdadeiros heróis, tendo em vista o país em que a desigualdade social desencadeia a angústia da humilhação social sofrida - , mas não é o que ocorre na vida dessas crianças. De heróis para vilões, os pais viciados em drogas, por exemplo, ou com histórico de pedofilia e violência, roubam-lhes a esperança de uma vida digna.

A drogadição/alcoolismo segundo a Logoterapia, por sua vez, tem relação com o vazio existencial. Não é, contudo, uma relação de causa e efeito, segundo os estudos, há uma espécie de processo circular em que, embora não haja causalidade direta, o vazio existencial está envolvido na manutenção da dependência (VARGAS, 2011). Tais questões são relevantes nessa discussão, afinal, como essas crianças estão lendo essa página da vida? Será que alguns desses pais não estariam realmente angustiados por não conseguirem lidar com o vício e, conseqüentemente, cuidar de seus filhos? A família seria, então, a que comete a negligência? Ou seria ela a negligenciada? O que há, literalmente, é um ciclo vicioso (humilhação social - sofrimento/angústia - vazio existencial - droga/álcool - vazio existencial...).

Existia naqueles encontros histórias difíceis das quais aqueles pequenos indivíduos enfrentavam. Contudo, era nítido em suas falas, desenhos e ações, o desejo de encontrar um “para quê” viver. Num dos encontros, antes do início das atividades, uma das crianças (Casa da Esperança I) pediu a vez para fazer uma oração (uma linda oração quase que decorada), uma explicitação da fé e da esperança.

O dia a dia no abrigo onde as crianças carregam essa carga de sofrimento é, sem dúvida, desafiador para quem ali trabalha. Funcionários como as cozinheiras, faxineiras e educadores sociais chegaram a relatar como aqueles jovens são carentes de amor e, por vezes, nervosos. Outro episódio do qual as extensionistas presenciaram foi um dos meninos (J.V) jogando objetos no chão e gritando (palavrões) com os educadores. O estado emocional desse pequeno o impossibilitou de fazer parte das atividades daquele encontro, tendo em vista que precisou cumprir uma medida disciplinar estabelecida pela coordenação.

A importância da socialização da criança, principalmente, no que se refere às institucionalizadas, está diretamente associada ao seu processo de desenvolvimento (emocional e psicológico, por exemplo), além de importante

¹³ Já se desenvolvia, assim, o Diálogo Socrático, uma das técnicas conhecidas da Logoterapia.

para a construção de sua personalidade. Sem dúvida, os vínculos afetivos constituídos no interior do abrigo, ajudaram cada uma daquelas crianças. Desde um abraço recebido pela cozinheira até mesmo a repreensão por parte do educador. É preciso, de fato, sintonizar-se com elas. A perda do principal vínculo afetivo, pais biológicos ou responsáveis pela criança, é irreparável já que ameaçou o equilíbrio emocional da mesma. No entanto, é preciso considerar a dimensão noética do ser, a parte que não adoece. E, assim sendo, o vazio deixado por essa ausência de afeto pode ser preenchido a partir do encontro com o outro (que traz consigo o amor). Segundo Frankl, pois:

o amor é um ato que caracteriza a existência humana no que ela tem de humano; por outras palavras um ato existencial. Mais ainda: é o ato existencial por excelência;... Numa palavra, o amor caracteriza-se pelo seu caráter de encontro; e encontro significa sempre que se trata de uma relação de pessoa para pessoa (FRANKL, 2019, p. 225).

O pai e mãe adotivos trazem também a esperança do encontro. Há uma linha imaginária que se enlaça e que as une, ainda que esse encontro não tenha acontecido após um parto. Isso porque “o amor é um ato coexistencial: porque o amor é aquela relação entre dois seres humanos, que os põe em condições de descobrir o outro em todo seu caráter de algo único e irrepetível” (FRANKL, 2019). Adotantes que não desejam crianças maiores de oito anos, por exemplo, podem argumentar sobre o receio de essa criança carregar consigo um temperamento difícil, traumas e manias, essas das quais poderão causar transtornos para a família. No entanto, esquecem que é a paciência que os auxiliarão a estabelecer o vínculo afetivo, seja esse filho adotivo ou não!

Um dos encontros também marcantes foi o dia de representar os sentimentos através de desenhos. A ideia - criada a partir da técnica principal - do desenho socrático buscava conhecer o que aquelas crianças sentiam. Os meninos deveriam desenhar o que representava para eles palavras como: raiva, amor, saudade, etc. Contudo, houve bastante resistência e dispersão. Foi preciso de fato existir o diálogo, perguntar/questionar para que estimulasse o pensamento, bem como a resposta. Após finalmente acontecer a reflexão, foi sugerido que eles ficassem à vontade para fazer o quisessem com o papel e lápis que receberam. Ao finalizar o encontro, um dos meninos não quis entregar seu papel, pois lá estava uma carta para sua mãe, em que descrevia, justamente, a saudade que sentia por ela.

No decorrer das oficinas, tanto na Casa da Esperança I, quanto na Casa da Esperança II, percebeu-se como a recepção daquelas crianças eram acolhedoras. Geralmente, os grupos de participantes que compareciam eram os mesmos, pois devido ao horário que estudavam nem todos se faziam presentes nas oficinas. Assim, havia certo vínculo afetivo sendo construído a cada encontro.

Importante considerar que no primeiro dia de atividade no abrigo masculino, sete meninos participaram. Já no último, apenas dois estavam presentes. Tal fato se dava pela grande rotatividade das crianças nos abrigos. A grande maioria aguardava ansiosamente uma resposta judicial (“se o juiz deixar”) para poder voltar para suas famílias. Um dos casos de “criança” que aguardava adoção, por exemplo, foi um dos adolescentes (17 anos) que logo seria maior de idade e não poderia mais morar na instituição.

4.1 A construção do livro: “A aventura dos amigos da Esperança”.

A elaboração do livro se deu por etapas. Inicialmente, as extensionistas fizeram o “esqueleto” dos personagens numa cartolina branca, porém não se atentou para o fato de escolher cores diferentes de cartolina, tendo em vista que a cartolina representava a pele humana e essa possuir diferentes tons. Contudo, fez-se diferentes cores de roupas (entre shortes e vestidos, camisetas), diferentes cores e penteados de cabelo e, também, diferentes expressões faciais: triste, alegre, chorando, chateado. A construção foi feita a partir dessas opções, e cada criança pôde montar seu personagem. Por fim, sugeriu-lhes que desenhassem suas criações em folhas de papel para que tivessem uma réplica dos personagens.

No encontro seguinte, deram nome, idade aos personagens e disseram o que eles gostavam de fazer, com quem moravam, onde moravam, como eram emocionalmente (alegre, triste, ansioso). Notou-se que um dos meninos fez correspondências da face escolhida com as características emocionais determinadas por eles, por exemplo: personagem com face chorando era o personagem emocionalmente triste e que morava em um abrigo (personagem construído justo pelo menino que havia destruído os cadernos dos colegas e gritado com educadores nos encontros antecedentes - J.V). Pode-se perceber que tal relação (expressão facial, estado emocional, o menino J.B e seu personagem que também era abrigado) favorecia no entendimento de como aquela criança se sentia. A vivência utilizada, por sua vez, foi positiva para compreender a perspectiva de vida que os abrigados tinham naquele momento de suas vidas.

Por fim, na elaboração da narrativa, instigou-se os participantes a criarem um enredo para os personagens criados por eles (através dos questionamentos levantados pelas extensionistas). Nesse sentido, foi necessário que a extensionista guiasse as perguntas para que a narrativa se desenvolvesse de forma coerente, respeitando o início (apresentação dos personagens), meio (clímax/ problema) e fim (solução do problema/desfecho). Depois disso, puderam fazer desenhos de cada momento da história. Formou-se, assim, página por página de um livro em que eles foram os autores, ilustradores e protagonistas da história com final feliz.

Importante destacar que houve o dia do lançamento do livro, um dia de festa em que o coordenador do abrigo masculino convidou cada uma das extensionistas a adotar uma criança (sendo responsáveis em levar um presente para eles), pois haveria nesse mesmo dia a festinha para comemorar o natal na instituição. Um dia feliz em que puderam ver seus nomes estampados no livro que eles mesmos fizeram, viram seus desenhos em cada página, num dia em que puderam mostrar para os colegas, funcionários e coordenador o belo trabalho desenvolvido em grupo. Eis a autoconsciência reflexiva, quando a criança percebe a potencialidade que têm (no caso, criar e ilustrar uma história), processo esse que pode ser despertado no ser humano desde pequeno.

A experiência possibilitou atingir os seguintes objetivos: estabelecimento de vínculos; espaço para reflexão, escuta, problematização da realidade em que crianças estavam vivendo; cooperação; respeito; desenvolvimento de habilidades; estímulo da criatividade (valor criativo) e consciência crítica. Apesar das dificuldades vividas no desenvolver do projeto, como por exemplo, a

interferência vez por outra dos educadores e a rotatividade de crianças nos abrigos, possibilitou às próprias alunas da UEPB uma formação rica em vivência com a comunidade, além de reconhecer, na prática, a importância do Psicólogo nas instituições de abrigo infantil.

5 CONCLUSÃO

Projetos de extensão como esse permitem que estudantes universitários vejam na prática a importância do papel do psicólogo nos diversos âmbitos da sociedade, devolvendo à comunidade o serviço que é público. A experiência obtida neste trabalho pontuou a necessidade de aprimorar a humanidade e empatia que um psicólogo precisa possuir para levar o verdadeiro apoio aos abrigos.

É preciso considerar que os abrigamentos são essenciais para garantir os direitos da criança e do adolescente, embora o melhor seria ao lado de sua família. Nesse sentido, tem sua importância social para uma criança que esteja em situação de risco, tornando-se fundamental na medida em que a desigualdade entre as classes aumenta.

A pobreza pode estar relacionada à negligência da família para com esses jovens, tal como os abusos sexuais, a violência, o uso de drogas, o abandono. No entanto, é preciso observar que a falta de condições materiais das famílias também podem ser negligenciadas pela desigualdade de classes (falta de políticas públicas, empenho dos governos e de cada cidadão), àquela que gera miséria, alienação, exclusão, angústia, sofrimento e vazio existencial.

A experiência desse projeto possibilitou, naquele momento, que as crianças pudessem desenvolver valores criativos - arte, desenhos, narrativas - , além de valores vivenciais quando receberam o amor (em forma de apoio, escuta, brincadeiras, dinâmicas, presentes) e, ainda, valores atitudinais, dando um sentido - final feliz - as histórias, cartas, oração, desenhos, bem como a perspectiva do futuro, transcenderam ao ver um “farol” de sentido. A semente da esperança foi plantada em forma de escrita e cor!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. **Era uma vez na escola. Formando educadores para formar leitores.** belo Horizonte: formato editorial, 2004.

BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia** – 14ª Ed – São Paulo, Saraiva, 2008.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069.** Brasília/DF, 1990.

Cartilha passo a passo - **Adoção de crianças e adolescentes no Brasil.** Campanha AMB em favor da adoção consciente. São Paulo. Acesso em: outubro de 2020. <https://www.defensoria.pb.def.br/criative/Documentos/Cartilha-adocaopassoapasso.pdf>

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação 1. Psicologia evolutiva**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. - 2ª ed - Porto Alegre: artmed, 2014.

EBRAHIM, S. G. **Adoção Tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001, 14 (1), pp. 73-80

FABRY, J. B. **Aplicações práticas da Logoterapia**. São Paulo: ECE, 1990.

FILHO, J. M. G. **Humilhação Social - Um problema político em Psicologia**. Psicol. USP, vol.9, n.2. São Paulo, 1998.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Avelkine. 43 ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**; tradução de Alípio Maia Castro – 7ª Ed. São Paulo:: Quadrante, 2019.

GOMES, J. C. V. **Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl**. Edições LOYOLA, São Paulo, 1992.

LUNA, J. A. Logoterapia. **Un enfoque humanista existencial fenomenológico**. San Pablo. Bogotá - Colombia, 2015.

LUKAS, E. **A força desafiadora do espírito. Métodos de Logoterapia**. Edições Loyola. São Paulo, 1989.

MATA, N. T.; SILVEIRA, L. M. B.; DESLANDES, S. F. **Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância**. Ciência & Saúde Coletiva, 2017/ 22 (9), 2881-2888.

OBSERVATÓRIO DO 3º SETOR. **Adoção no Brasil: a busca por crianças que não existem**/ 2019. Acesso em: outubro de 2020.

<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/adocao-no-brasil-a-busca-por-criancas-que-nao-existem/>

OLIVEIRA, S. V.; PRÓCHNO, C. S. C. **A vinculação afetiva para crianças institucionalizadas à espera de adoção**. Psicologia Ciencia e Profissão, 2010, 30 (1), 62-84.

SÁNCHEZ. C. M. **Caminos para una crianza con sentido. Educando desde la coherencia**. Paulinas Bogotá- Colombia, 2019.

_____. **Orientando a la infancia hacia el sentido. Una mirada desde la logoterapia de Viktor Frankl**. Editorial Faros de Sentido. Bogotá - Colombia, 2014.

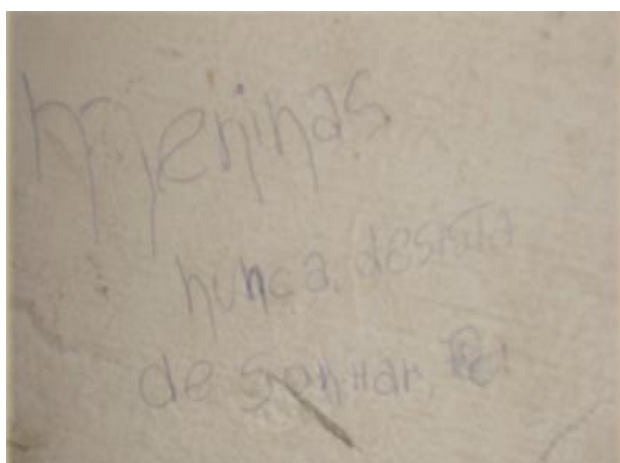
SANTOS, G. M.; SÁ, L. B. M. **Da prática à teoria. A dimensão Social da Logoterapia**. Ideia. João pessoa, 2016.

UEPB - Relatório Disciplina Extensão. Despertando **Esperanças: construindo narrativas com crianças e adolescentes em situação de abrigo**. PROEAC. Campina Grande/Pb, 2012.

VARGAS, J. A. L. **Logoterapia y drogadicción. ¿Cómo ayudar a una persona adicta?** San Pablo. Bogotá - Colombia, 2011.

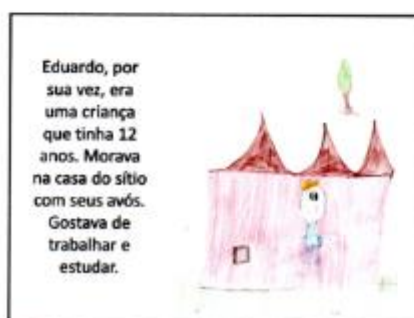
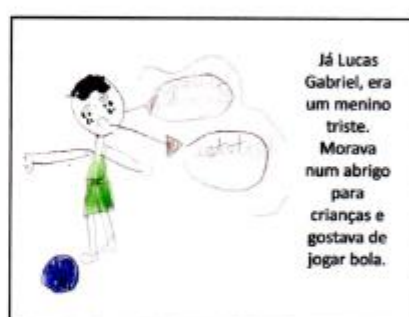
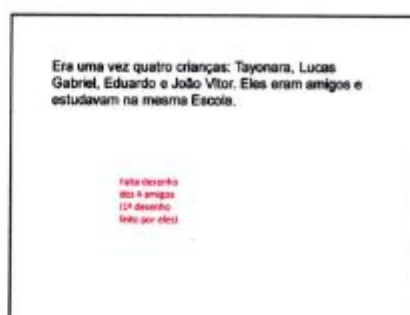
XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. CEDT, 2ª ed. Campinas- SP, 2013.

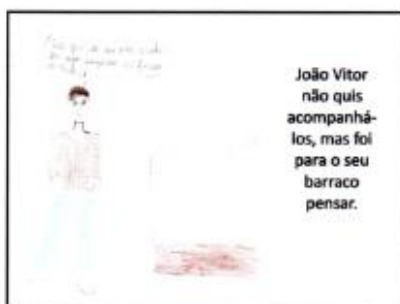
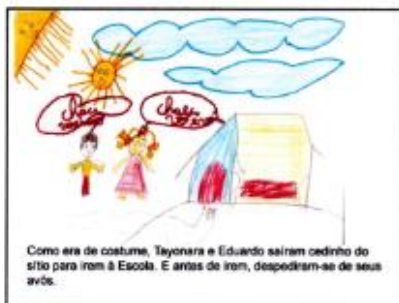
ANEXO A - Acervo Pessoal (Fotografias: paredes do abrigo feminino, livros, oficinas, construção dos personagens e livro)

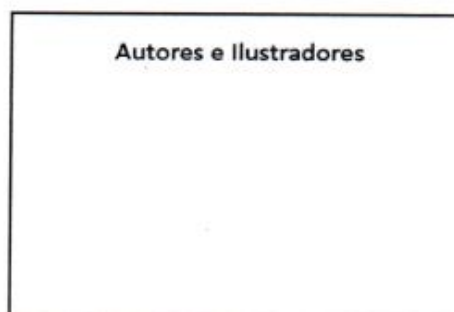




ANEXO B - LIVRO: A AVENTURA DOS AMIGOS DA ESPERANÇA







AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Rosemary, por sempre me apoiar em todas as decisões que tomei na vida, além de me ajudar a ser uma pessoa melhor a cada acolhida, escuta e abraço.

Agradeço aos professores Gilvan de Melo, Raisal Mariz e Elaine Custódio que nessa caminhada puderam me auxiliar como aluna em processo de crescimento diante de tantos conflitos pessoais.

Agradeço ao meu psicólogo, Francisco de Assis, que acompanha minha trajetória desde o início da minha graduação e que pode presenciar todo meu desenvolvimento enquanto pessoa e estudante.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.